Convergências: estudos em Humanidades Digitais

VOZES DE OHARA: O SILENCIAMENTO HISTÓRICO EM *ONE PIECE* E OS DEBATES COLETIVOS NO *YOUTUBE*: UMA ANÁLISE DOS CANAIS *MANGAQ E CHAPÉUS DE PALHA*

Voices of Ohara: historical silencing in One Piece and collective debates on youtube: an analysis of the Mangaq and Chapéus de Palha channels

Voces de Ohara: el silenciamiento histórico en One Piece y los debates colectivos en youtube: un análisis de los canales Mangaq y Chapéus de Palha

Gelson Teodoro De Souza Junior[1]
Lourdes Madalena Gazarini Conde Feitosa[2]

Resumo: Este artigo examina o apagamento deliberado do passado em *One Piece* (Oda, 2023), focalizando o *Século Perdido*, a destruição de Ohara e a atuação dos leitores nas plataformas digitais. Dialoga-se com a literatura sobre negacionismo, com ênfase no Holocausto. Por meio de análise qualitativa, o corpus reúne painéis do mangá sobre Ohara e Nico Robin, além de cinco vídeos dos canais *MangaQ e Chapéus de Palha* (títulos, descrições e doze comentários). Embora o material empírico demonstre que os fãs cruzam episódios e formulam hipóteses, o estudo aponta que tais interações não articulam explicitamente o debate sobre o negacionismo, relação teórica proposta e sustentada neste artigo.
Palavras-chave*: One Piece*. Apagamento do passado. Negacionismo. Memória. Plataformas digitais.

Abstract: This article examines the deliberate erasure of the past in *One Piece* (Oda, 2023), focusing on the Void Century, the destruction of Ohara, and reader engagement across digital platforms. It engages with the literature on denialism, with an emphasis on the Holocaust. Employing qualitative analysis, the corpus comprises manga panels depicting Ohara and Nico Robin, alongside five videos from the channels *MangaQ and Chapéus de Palha* (including titles, descriptions, and twelve comments). Although the empirical material demonstrates that fans connect narrative episodes and formulate hypotheses, the study points out that these

[1] Mestrando em Educação Sexual. Universidade Estadual "Paulista Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), Araraquara, São Paulo, Brasil. Email: gelson.teodoro@gmail.com; Lattes: http://lattes.cnpq.br/3238732534578572; Orcid iD: https://orcid.org/0009-0008-3771-8549.
[2] Doutora em História Cultural pela UNICAMP. Professora do Curso de História – Unisagrado -Bauru/SP e do Programa de Mestrado em Educação Sexual da Unesp - Araraquara/SP; Email: lourdes.conde-feitosa@unesp.br; Lattes: http://lattes.cnpq.br/2127262265365601; Orcid iD https://orcid.org/0000-0001-7479-6054.

interactions do not explicitly articulate the debate on denialism, a theoretical relationship proposed and sustained in this article.
Keywords*: One Piece*. Erasure of the past. Denialism. Memory. Digital platforms.

Resumen: Este artículo examina el borrado deliberado del pasado en *One Piece* (Oda, 2023), centrándose en el Siglo Vacío, la destrucción de Ohara y la participación de los lectores en las plataformas digitales. Se dialoga con la literatura sobre el negacionismo, con énfasis en el Holocausto. Mediante un análisis cualitativo, el corpus comprende paneles del manga que retratan a Ohara y a Nico Robin, junto con cinco vídeos de los canales MangaQ y Chapéus de Palha (incluyendo títulos, descripciones y doce comentarios). Aunque el material empírico demuestra que los aficionados conectan episodios narrativos y formulan hipótesis, el estudio señala que dichas interacciones no articulan explícitamente el debate sobre el negacionismo, relación teórica propuesta y sostenida en este artículo.
Palabras clave: *One Piece*. Borrado del passado. Negacionismo. Memoria. Plataformas digitales.

Introdução

As representações históricas do mundo estão presentes em diversas obras e nas mais variadas fontes e mídias. Existem situações que levam as produções a se basearem em fatos históricos para que o leitor se familiarize com o universo daquilo que está consumindo. E é este o caso do mangá *One Piece*, escrito pelo *mangaka* Eiichiro Oda. O primeiro capítulo foi lançado no Japão em 27 de julho de 1997 e até outubro de 2026, são mais de 1.197 capítulos. Desde então, a história acompanha Monkey D. Luffy, um garoto que sonha em se tornar o rei dos piratas.

A escolha por analisar o apagamento do passado em *One Piece* justifica-se pela relevância que o tema possui para a historiografia e para o debate público. Em uma sociedade marcada por disputas de memória e pela ascensão de narrativas negacionistas, é importante refletir como a cultura pop pode problematizar a eliminação de vestígios e a manipulação de explicações históricas. O *Século Perdido*, a destruição de Ohara e a perseguição a Nico Robin constituem metáforas potentes sobre as tentativas de silenciamento de sujeitos e eventos que desafiam a ordem dominante.

Nesse sentido, o objetivo deste artigo é analisar como *One Piece* representa o apagamento deliberado do passado, a partir do *Século Perdido* e da destruição de Ohara, e como esse passado ausente é reconstruído coletivamente pelo público em canais do *YouTube*. Busca-se examinar a destruição de Ohara e a perseguição a Nico Robin como alegorias dos mecanismos de silenciamento do passado. Bem como avaliar, a partir de vídeos e comentários

dos canais *MangaQ e Chapéus de Palha*, como os leitores articulam indícios e formulam hipóteses sobre esse passado.

Parte-se da hipótese de que *One Piece* tematiza o apagamento do passado como instrumento de poder e de que as plataformas digitais ampliam a reconstrução coletiva desse passado, ainda que de forma pouco vinculada ao debate sobre o negacionismo.

É pertinente esclarecer o uso dos termos. Na historiografia, o revisionismo designa a releitura de interpretações estabelecidas à luz de novas fontes, métodos e indagações, prática legítima e inerente ao ofício do historiador (Jesus; Gandra, 2020). O negacionismo, por sua vez, configura a negação de fatos amplamente comprovados, apresentada com aparente rigor metodológico, mas destituída de crítica documental e pautada em distorção deliberada das evidências (Valim; Avelar; Bevernage, 2021). Neste artigo, o termo "negacionismo" nomeia essa negação intencional, enquanto "apagamento" refere-se à eliminação de vestígios e à imposição de uma versão oficial, tal como o Governo Mundial promove em *One Piece* com o *Século Perdido* e a destruição de Ohara. Evita-se a expressão "revisionismo histórico" para esses casos, justamente porque a revisão do passado, quando conduzida com método, não se confunde com a sua negação.

A fonte escolhida para desenvolver esta pesquisa é o Mangá. Nome dado às histórias em quadrinhos japonesas, cuja diagramação é feita de maneira diferente das tradicionais HQs ocidentais. Elas nasceram a partir da tradição do Japão feudal, em que os artistas percorriam as ilhas contando histórias em formato de sombras de marionetes. Com o tempo, tais histórias foram adaptadas para o papel. Nesse caso, os mangás normalmente são divididos em arcos, uma forma de agrupar os capítulos em temáticas. Esse tipo de obra popularizou-se no Japão após a Segunda Guerra como modo de acalentar o povo. No Brasil, o primeiro mangá foi publicado em 1988, mas as imagens foram reorganizadas para que a leitura fosse feita de forma "tradicional", ou seja, com a leitura da esquerda para a direita O primeiro mangá publicado no formato original, *Dragon Ball*, foi distribuído em 2000.

De natureza qualitativa e interpretativa, a investigação organiza-se em duas etapas. Na primeira etapa, examinam-se painéis do mangá *One Piece* (Oda, 2023) que se referem ao *Século Perdido*, à destruição de Ohara e à perseguição a Nico Robin (capítulos 395, 397, 398), escolhidos por retratarem diretamente a destruição de Ohara, a preservação do conhecimento e a coerção do personagem Robin. Destaca-se que as imagens foram fotografadas diretamente do

acervo pessoal e não de repositórios digitais. Na segunda etapa, examinam-se cinco vídeos dos canais *MangaQ e Chapéus de Palha*, além de doze comentários do público, selecionados por sua centralidade temática, conforme detalhado nas seções subsequentes. Os painéis são lidos à luz das categorias do negacionismo e do apagamento histórico discutidas na introdução, e os vídeos e comentários são examinados quanto às práticas de interpretação mobilizadas pelos leitores.

Embora *One Piece* já tenha sido objeto de pesquisas acadêmicas, a literatura existente parte majoritariamente do uso pedagógico da obra ou da leitura e análise interna de seu enredo. Bantim de Assumpção e Alcântara Paz (2025), por exemplo, propõem o mangá como instrumento de ensino de História na Educação Básica a partir das relações de poder; Calixto *et al*. (2023) examinam o racismo e a necropolítica nos arcos Arquipélago de *Sabaody* e da *Ilha dos Homens-Peixe*; e Macedo (2025) discute representatividade e gênero a partir do personagem *Bon Clay*, articulando-a aos hábitos de consumo do público brasileiro. Apesar dessa diversidade de abordagens, o tema do apagamento do passado, central no *Século Perdido* e na destruição de Ohara, tem recebido menor atenção acadêmica, sobretudo em relação à sua circulação e releitura nas plataformas digitais. Nesse ambiente, canais como *MangaQ* e *Chapéus de Palha* reúnem fontes, cruzam capítulos e elaboram coletivamente interpretações sobre esse passado fictício, lacuna que se busca aqui preencher.

Para justificar o uso do mangá como fonte, convém lembrar que as histórias em quadrinhos podem ser tratadas como fontes históricas complexas. Como Barros (2020, p. 11) enfatiza:

> Também podemos ter um exemplo de fonte complexa com os Quadrinhos (HQ), por envolverem um encontro criativo de linguagens como o Desenho e a Verbalização Escrita – encontrando suas próprias formas e fórmulas para articular estas duas linguagens de modo a não apenas expor imagens, mas também representar o movimento, o som, as emoções, o ambiente natural e psicológico, a passagem do tempo e a simultaneidade.

Nesta perspectiva, *One Piece* pode ser lida como uma fonte cultural que encena, em chave ficcional, a eliminação de vestígios e a imposição de uma versão oficial do passado. Passos (2021, p. 127), apoiado em Hannah Arendt, explica que os eventos, para se tornarem verdades factuais, "precisam ser sustentados pela comprovação de testemunhas oculares, registros e documentos". É exatamente esse tripé que o Governo Mundial ataca em Ohara: elimina os estudiosos que decifravam os *Poneglyphs*, queima as pesquisas arqueológicas e persegue Nico Robin, a única testemunha sobrevivente. Para o autor, a negação sistemática do

passado por parte do Governo Mundial afasta-se do erro ou da opinião para introduzir "a falsidade deliberada e a mentira cabal" (Passos, 2021, p. 129) em relação ao ocorrido no *Século Perdido*.

Negacionismo e apagamento do passado em *One Piece*

O vínculo entre história, memória e poder não se limita à produção do conhecimento, mas envolve também a disputa sobre o que pode ser lembrado e o que deve ser esquecido. Em *One Piece*, essa disputa é central. O *Século Perdido* constitui um passado deliberadamente apagado pelo Governo Mundial, que criminaliza e persegue quem tenta recuperá-lo. A trajetória de Nico Robin e a destruição de Ohara permitem observar, em chave ficcional, mecanismos que a historiografia associa ao negacionismo: a eliminação de vestígios, a produção de uma versão oficial e a desqualificação daqueles que a questionam. A presente seção examina tais mecanismos a partir da análise do mangá.

Em dias atuais, os negacionistas produzem métodos de alteração do passado, muitas vezes tentando modificar até mesmo as maneiras de se fazer pesquisa. "Na verdade, o que os negadores do Holocausto buscavam era um falso rigor histórico, baseado não na crítica do documento, mas sim na apropriação e na distorção dos fatos pregressos" (Jesus; Gandra, 2020, p. 4 Isto significa apresentar uma falsa aparência de conhecimento científico e acadêmico a narrativas baseadas em distorção deliberada e no emprego de métodos irregulares.

Essa dinâmica pode ser identificada no *Século Perdido* de *One Piece.* Diante dos avanços do Reino Antigo, o estado mais avançado e influente naquele momento, vinte nações se uniram e declararam guerra a ele. O conflito, conhecido como a Grande Guerra, resultou na derrocada e aniquilação do Reino Antigo. Embora os motivos para a sua queda ainda permaneçam em mistério, sabe-se que figuras centrais se conectam diretamente a esses eventos, a começar por Joy Boy, reconhecido como o 'guerreiro da libertação'.

O que antes circulava como teorias de leitores de *One Piece* em canais de análise (*Canal MangaQ*, 2025; *Chapéus de Palha*, 2025) acabou sendo oficialmente confirmado pelo autor Eiichiro Oda. Joy Boy é, de fato, o personagem principal do *Século Perdido* e aquele que deixou o próprio *One Piece* para ser encontrado no futuro. Através do pronunciamento do Dr. Vegapunk no arco de *Egghead* (Oda, 2024, cap. 1114), a história canônica validou o mito ao estabelecer Joy Boy explicitamente como o primeiro pirata da história humana. Esse ser

místico, presente na Grande Guerra ao lado do Reino Antigo, apesar de derrotado pela Aliança dos Vinte Reinos, consolidou a fundação de toda a era da pirataria ao espalhar seu legado e sua tripulação pelos oceanos.

Assim, seu poder estaria diretamente ligado ao riso e ao sorriso. A construção mítica e lendária em torno de Nika envolve a tradição oral e as narrativas de outros povos. É um desdobramento relevante da relação entre memória, tradição e representação do passado. No entanto, excede o recorte deste artigo, voltado ao apagamento dos registros escritos e à sua reconstrução pelo público, e fica como possibilidade para pesquisas futuras.Os personagens do mangá dizem que seu poder é o mais ridículo do mundo. Com esse poder, Boy conseguiria manipular o ambiente ao seu redor, em um estilo clássico conhecido como *Rubber Hose*, semelhante à animação clássica dos desenhos Hanna-Barbera, como Tom e Jerry, ou de outros estúdios, como o caso de Pica-Pau. Nesse sentido, Joy Boy teria passado os últimos oitocentos anos sendo construído como um ser místico, o Deus Nika, o Deus do Sol. Diversos personagens fazem referência à crença neste ser, desde os seres alados, como os de *Skypiea*, até os homens-peixe.

Figura 1 – Luffy no modo Nika.



Fonte: Oda (2025, cap. 1044).

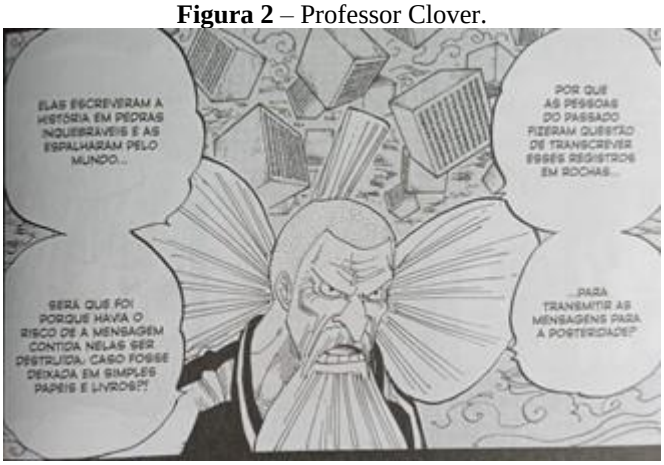
Na imagem, o personagem principal, Luffy, do bando dos *Chapéus de Palha*, aparece transfigurado no modo Gear 5. Sua Akuma no Mi, a Hito Hito no Mi, Modelo Nika, associada ao deus do Sol, consolida-o como principal representante da liberdade no universo de *One Piece*. Essa percepção incidiu em uma nova forma do governo ver o personagem, transformando-o em um perigo real e no desejo de sua captura por meio de uma vultuosa recompensa. Além disso, em mais um episódio de manipulação estatal, o governo tentou

censurar a fotografia do personagem sob a forma divina, temendo que a circulação daquela imagem despertasse inquietações acerca do retorno de um deus que representava a liberdade.

Um dos maiores mistérios de *One Piece* é o que teria acontecido oitocentos anos atrás, período conhecido como *Século Perdido*. No momento deste estudo, o mangá continua sendo lançado e o que de fato ocorreu nesse tempo ainda é um mistério não revelado pelo autor Oda.ta. Algumas informações ajudam a teorizar o que pode ter acontecido. Essa parte da história ainda é um enigma e a cada capítulo, os leitores vislumbram o que teria acontecido no *Século Perdido*.

Embora a jornada da arqueóloga Nico Robin em busca dos enigmáticos *Poneglyphs* seja introduzida ao leitor ainda no arco de *Alabasta*, é em *Skypiea* que a mitologia do *Século Perdido* ganha sua verdadeira fundamentação estrutural. Em *Alabasta*, as pedras ancestrais surgem como ferramentas de enredo ligadas a Armas Ancestrais e ao objetivo pessoal de Robin. No entanto, é no reino flutuante que a narrativa expande seu horizonte para uma escala global e histórica. Ao apresentar a queda da antiga *Shandora*, em uma resistência desesperada para proteger sua mensagem, o arco de *Skypiea* conecta os *Poneglyphs* a uma civilização dizimada. Ele estabelece o primeiro grande vislumbre das consequências práticas daquilo que, mais tarde em *Enies Lobby*, seria formalmente nomeado como o *Século Perdido*. Esse cenário é construído a partir da visão da personagem central, Nico Robin. Formada em Ohara, ilha apresentada durante o arco de *Enies Lobby*, ela representa a possibilidade de acesso a esse passado proibido, cujo único modo de estudá-lo é por meio dos *Poneglyphs*, pedras indestrutíveis que preservaram a história através dos séculos.

Figura 2 – Professor Clover.



Fonte: Oda (2023, cap. 395).

Na figura, o professor Clover apresenta a importância dos *Poneglyphs* e como eles se constroem como uma fonte importante do passado por terem sido construídos em pedras inquebráveis. Segundo o professor, os escritores do *Século Perdido* traçaram suas mensagens em um suporte cuidadosamente escolhido por ser um muito resistente, diferente dos livros e papéis. Isso evidencia o intento dos historiadores do passado em registrar os conhecimentos em materiais que resistissem à ação do tempo e perdurassem para a análise de futuros pesquisadores. Acerca da escrita da História, Barros enfatiza que (2020, p. 49):

> Quando um historiador escreve nos dias de hoje uma obra historiográfica, ele deixa concomitantemente uma fonte histórica para o futuro. Embora esta não seja a sua finalidade ao escrever sobre um assunto histórico qualquer, já que a obra de todo historiador é motivada pelo desejo de atender às demandas de sua própria época e à predisposição de seus contemporâneos de consumir obras de história, isto é inevitável. Outros historiadores virão, um dia, talvez dali a muitas décadas e mesmo séculos, e tomarão esta obra como fonte histórica para compreender a nossa sociedade, no século XXI.

Identifica-se, assim, que o processo apresentado em *One Piece* converge com as reflexões de Barros. Os pesquisadores do *Século Perdido* deixaram registros intencionais do passado com o propósito de alcançar as gerações futuras, intento que se concretiza na trama. Cabe ressaltar que o historiador, enquanto agente e narrador da história, intervém ativamente sobre o objeto de estudo, e dessa forma, o que exige dele rigor ético, responsabilidade intelectual e rigor teórico-metodológico na formulação de seus textos científicos (Barros, 2020).

Figura 3 – Professor Clover e agentes do Governo Mundial.



Fonte: Oda (2023, cap. 395).

Nesse painel, o professor ressalta a relevância de se conhecer a verdade histórica, o que evidencia a importância da construção historiográfica pautada em moldes científicos, que fundamenta a atuação dos personagens que pesquisam o *Século Perdido*. Ademais, a cena

registra a advertência de um dos Gorousei (altas personalidades que governam o Mundo) de que que a continuidade daquelas investigações poderia acarretar o resgate de armas com poderes catastróficos.

Essas pedras estão escritas em uma língua antiga, que, com muito esforço, foi decifrada pelos arqueólogos e historiadores de Ohara. Nesse momento, percebemos o negacionismo e o apagamento produzidos pelo Governo Mundial. Ao tomarem conhecimento desses estudos, os agentes do Estado praticaram um genocídio na ilha, que resultou em um apagão histórico sistêmico. Para proteger o segredo de suas origens, o Governo Mundial passou a punir severamente qualquer tentativa de decifrar o passado, culminando no Incidente de Ohara. Na ocasião, a Marinha executou o Buster Call na ilha dos arqueólogos, resultando na morte de todos os habitantes e na queima das pesquisas que tentavam lançar luz sobre o período entre novecentos e oitocentos anos atrás. Esse esforço de silenciamento absoluto, no entanto, fracassou em suprimir os registros indestrutíveis dos *Poneglyphs*, permitindo que, séculos mais tarde, o Dr. Vegapunk pudesse rearticular as informações deste período histórico (Oda, 2024).

Apesar da brutalidade do Governo Mundial para apagar estes registros, a história de Ohara não foi totalmente perdida. Conforme revelado posteriormente no Capítulo 1066 (Oda, 2022), grande parte do acervo científico lançado ao lago pelos arqueólogos foi resgatada em segredo. Os livros foram salvos graças aos esforços de Jaguar D. Saul, sobrevivente do ataque, juntamente com um grupo de outros gigantes. Desse modo, o conhecimento sobre o Século Perdido foi preservado longe do alcance da Marinha. Nesse horizonte de resistência, Nico Robin permaneceu como a única sobrevivente humana e uma das poucas figuras capazes de decodificar os escritos gravados nos *Poneglyphs.*

Nesse sentido, pode-se observar a tentativa de apagamento do passado, estratégia pela qual o Governo Mundial buscou demonstrar seu poder ao decretar a negação e a inexistência de Ohara após o incidente. Essa dinâmica ilustra o que Valim, Avelar e Bevernage (2021, p. 15) dizem: “O negacionismo histórico pode ser pensado como um mosaico de falas, práticas e representações mobilizadas com o objetivo de legitimar certas leituras dos nossos passados sensíveis – sobretudo de suas violências, seus extermínios e dominação dos mais vulneráveis”.

O negacionismo presente em *One Piece* se mostra quando Robin, mesmo sendo uma criança, foi perseguida pela Marinha, atitude justificada por uma narrativa governamental que a colocou como “a filha do demônio”, uma alcunha que criou um precedente para que ela fosse

perseguida não somente pelos órgãos do Estado, mas também pela sociedade civil, que a via como uma ameaça. Como mencionado ainda por Valim; Avelar e Bevernage (2021, p. 15), o governo instaurou um sistema de discursos legitimado por todos os que não tinham conhecimento do que de fato havia acontecido em Ohara, fazendo com que a criança Robin fosse perseguida, agredida e traída inúmeras vezes.

A experiência de agressividade social levou a personagem a se envolver com figuras do submundo de *One Piece*, cujo objetivo era dar um golpe de Estado em um reino dos mares. Quando já adulta, Robin é associada a uma organização criminosa. Com o decorrer da história, Luffy, o protagonista, entra no enredo e derrota o líder da organização. Nesse momento, fica claro que a participação de Robin no grupo era uma estratégia de sobrevivência e busca por conhecimento, uma vez que o reino alvo do golpe guardava um *Poneglyph.*

Figura 4 – Marinheiros descrevem a Robin, ainda criança, como um demônio, Capítulo 398.



Fonte: Oda (2023, cap. 398).

Na imagem, percebem-se os marinheiros afirmando que Robin herdou o desejo e a ideologia dos pesquisadores de Ohara, ou seja, que possuía a vontade de descobrir a verdade sobre o *Século Perdido*. A narrativa construída pelo Governo Mundial sobre a criança demonstra um modo de atuação estatal voltado ao apagamento sistemático dos fatos. Essa postura remete diretamente ao negacionismo histórico, fenômeno análogo à negação de tragédias reais como o Holocausto e o genocídio do povo judeu. Conforme definem Valim, Avelar e Bevernage (2021, p. 15):

> Elas [Alterações] foram praticadas por uma geração de falsificadores do passado que, além de isentar os alemães das responsabilidades pelo extermínio de milhões de judeus, elaborou um *modus operandi* que seria incorporado tanto pelos negacionistas posteriores quanto por seus aliados da extrema-direita em diversos países. Seria óbvio, mas não menos imprescindível, assinalar que o apagamento dos vestígios do genocídio sempre foi um objetivo dos próprios nazistas

Em suma, os negacionistas revelam-se, antes de tudo, falsificadores da história, estruturando um modo de atuação voltado a apagar versões e memórias dos fatos ocorridos. Essa dinâmica manifesta-se explicitamente em *One Piece*. Como já mencionado, Robin tornou-se a única sobrevivente de Ohara; os demais habitantes foram executados pelos agentes do Governo Mundial, incluindo aqueles civis que tentavam escapar em um navio de evacuação — embarcação que foi implacavelmente bombardeada e afundada.

Figura 5 – A Marinha destrói um navio com os refugiados de Ohara, matando-os, Capítulo 397.



Fonte: Oda (2023, cap. 397).

Assim, tanto o negacionismo quanto o apagamento voltam-se contra as vítimas, pois buscam eliminar ou reescrever a história que de fato aconteceu. A respeito dos acontecimentos que estão envoltos no *Século Perdido*, há cerca de cinco mil anos, a árvore do conhecimento foi plantada na ilha de Ohara. Após esse período, como dito pelo professor Clover, arqueólogo responsável pela administração da biblioteca, as produções históricas do lugar foram crescendo

exponencialmente até que o local se tornasse uma referência em pesquisas e produções de materiais.

O *Século Perdido* tem o seu início no ano novecentos. Ao estudar esse período o em *One Piece*, é comum encontrar uma aparente contradição cronológica: algumas fontes citam acontecimentos de novecentos anos atrás, ao passo que a história oficial do Governo Mundial fixa o recorte em oitocentos anos. Contudo, esses marcos não se anulam, mas delimitam o arco temporal do próprio *Século Perdido*. O intervalo de cem anos inicia-se há novecentos anos, período associado ao auge tecnológico do Reino Antigo e aos ideais de Joy Boy, e encerra-se há oitocentos anos, com a vitória da Aliança de vinte Reinos e a consequente fundação do Governo Mundial. Portanto, alternar entre esses marcos temporais é apenas uma variação de referencial cronológico para o mesmo processo histórico.

Esse período, como dito acima, ainda não foi completamente esboçado pelo autor, mas considerando as inúmeras informações divulgadas nas histórias do mangá, podemos concluir algumas coisas sobre ele. O primeiro ponto a destacar é que o Reino Antigo foi construído a partir de um movimento expansionista, mas não há informações sobre como isso aconteceu. Se resultou de um movimento imperialista de conquista e submissão, ou a partir da organização de uma confederação. Outro ponto é que esse reino, por consequência, conquistou grande poder militar com as armas ancestrais, grandes triunfos do Governo Mundial para a manipulação do *Século Perdido*. Segundo esse Governo, caso essas armas voltassem à tona, guerras e mortes incontáveis chegariam com elas. Além disso, destacam-se no Reino Antigo sua avançada tecnologia e sua notável capacidade de transculturação, um aspecto fundamental para a coesão de um território composto por diversas culturas unidas.

Figura 6 – Professor Clover falando sobre o *Século Perdido.*



Fonte: Oda (2023, cap. 395).

Na imagem, o professor Clover ressalta que, por meio das investigações realizadas em fontes históricas e nos *Poneglyphs*, os estudiosos conseguiram decifrar informações cruciais e acessar o conhecimento sobre o *Século Perdido*. Esse avanço científico e historiográfico transformou os pesquisadores em uma ameaça direta aos olhos do governo, resultando na violenta perseguição que desencadeou os eventos trágicos mencionados anteriormente.

Figura 7 – Robin, única sobrevivente de Ohara, vendo a árvore do conhecimento em chamas.



Fonte: Oda (2023, cap. 397).

Na figura 7, os painéis selecionados reiteram a reação da jovem Robin, aos oito anos diante de um governo que busca esconder a verdade. A cena retrata a personagem chorando ao observar a Árvore do Conhecimento, central das pesquisas sobre o *Século Perdido*, em chamas. Os bombardeios ordenados pelo Governo Mundial destruíram a árvore, e a perda inestimável para a história só foi parcialmente evitada porque os pesquisadores jogaram os livros em um lago, que garantiu a preservação provisória do acervo.

Em *One Piece*, o Governo Mundial, com a máquina de repressão do estado, escolheu esconder os eventos, assassinando a população. Essa ação, conhecida no mundo de *One Piece* como *Buster Call*, foi orquestrada não somente pelos principais governantes do Governo Mundial, os cinco anciões (Gorousei), mas também com a participação de marinheiros. Nesse sentido, dez navios de guerra, cinco vice-almirantes e mais de dez mil soldados bombardearam a ilha.

Essa ação pode ser lida a partir da lógica que Vidal-Naquet (1988) identifica nos negacionistas do Holocausto. Segundo o autor, o objetivo deles é destruir "não a verdade, que é indestrutível, mas a tomada de consciência da verdade" (Vidal-Naquet, 1988, p. 9). Em *One Piece*, os *Poneglyphs* preservam o passado de modo incorruptível; logo, o que o *Buster Call* busca eliminar é justamente a possibilidade de que alguém os decifre e acesse esse conhecimento. O autor também lembra que memória e História não se confundem, mas que uma História do crime que ignorasse as memórias seria "bem pobre" (Vidal-Naquet, 1988, p. 10). Essa tensão ajuda a entender por que, na obra, a memória de Robin e os registros de Ohara são alvos de perseguição.

A partir dessas análises, fica evidente que o papel do pesquisador do passado, em especial o historiador, representa um "perigo" àqueles que querem manipular a narrativa histórica sem critérios científicos. Por ser o profissional capacitado para examinar os vestígios de épocas pretéritas por meio de novas fontes, abordagens historiográficas e métodos rigorosos estabelecidos pela disciplina, o historiador confronta versões tendenciosas e infundadas. Como enfatizam Jesus e Gandra (2020, p. 8):

> Nesse caso é que se estabelece a relevância social do ofício do historiador, pois ele tem a competência de instrumentalizar o recurso técnico, por meio de seus métodos, e mostrar que as narrativas como as dos negacionistas, não são meras interpretações da história, mas sim, na verdade, a negação da própria História.

O historiador possui um valor social atrelado à expectativa de produzir o conhecimento científico através dos métodos, e contrapor os movimentos relativistas e negacionistas sobre o passado. Ao ponto de que na mídia estudada, *One Piece*, os pesquisadores, os que buscavam mostrar essa verdade, foram assassinados, restando somente uma criança, perseguida durante sua vida. O governo se mostra negacionista e manipulador para esconder o que de fato ocorreu no período do *Século Perdido*. Se o Governo Mundial apaga o passado e persegue quem tenta recuperá-lo, cabe perguntar o que acontece quando os leitores tentam reconstruí-lo. É essa questão que orienta as próximas seções, dedicadas a examinar como o público de *One Piece* reúne fontes e formula hipóteses sobre o *Século Perdido* nas plataformas digitais.

One Piece: cultura das mídias e as tecnologias digitais

A transição da cultura de massas para a cultura das mídias e, posteriormente, para a cultura digital, reconfigurou o modo como consumimos narrativas épicas. Se antes o receptor era um agente passivo diante da tela da TV ou das páginas impressas, hoje ele é um "prossumidor" (produtor + consumidor) (Motta, 2014). Este é um neologismo usado nas redes ressignificado com o advento das mídias sociais e dos influenciadores digitais. Isso transforma o prossumidor em um coautor, que não apenas consome, mas produz conteúdo e participa da criação de narrativas compartilhadas com as marcas.*One Piece*, obra de Eiichiro Oda, serve como o objeto de estudo perfeito para ilustrar essa metamorfose. A obra não existe mais apenas no papel; ela transborda para o ambiente digital através de comunidades que ressignificam o conteúdo original.

Nesse sentido, a transição para o digital promove maior participação do público e tende a uma significativa democratização do conhecimento. Como enfatizam Pereira e Mota (2025, n.p.), a internet funciona como um vasto repositório que "amplia o acesso a fontes primárias e secundárias, democratizando o acesso a acervos antes restritos". No caso de *One Piece*, isso significa que o fã não depende mais exclusivamente de distribuidoras físicas; plataformas *online* possibilitam que leitores de diferentes partes do mundo explorem a obra simultaneamente, enriquecendo a pesquisa e o debate em torno da narrativa.

A cultura das mídias, conforme conceituada por Lucia Santaella (2008), marca a transição do consumo passivo de massa para uma era de escolhas e fragmentação. Diferente da era da televisão aberta, onde a audiência era uniforme, a cultura das mídias permite que o fã de

One Piece atue como um curador de sua própria experiência. Através de tecnologias digitais, esse consumidor transita entre diferentes suportes, buscando em canais como *MangaQ* e *Chapéus de Palha* uma profundidade que a mídia tradicional não é capaz de oferecer. Nesse cenário, a obra original deixa de ser um produto estático e passa a ser um ecossistema dinâmico de informações e interpretações.

A materialização da cultura brasileira das mídias em *One Piece* pode ser observada através do alcance métrico de seus principais expoentes no *YouTube*. O canal *MangaQ*, sob a curadoria de Evandro Fuzari, consolidou-se como uma das maiores referências mundiais acerca da obra, com mais de 902 mil inscritos e ultrapassando a marca histórica de 300 milhões de visualizações[3]. Esses números não representam apenas audiência, mas o consumo de um conteúdo de nicho que opera em escala de massa graças às tecnologias de recomendação algorítmica.

Paralelamente, o canal *Chapéus de Palha*, liderado pelos *youtubers* Felipe Sieira e Derek Galvão, apresenta uma base sólida de mais de 643 mil inscritos, com um volume de visualizações que supera os 180 milhões[4]. Enquanto o *MangaQ* se destaca pela análise técnica e enciclopédica, o *Chapéus de Palha* foca na construção de comunidades e na elaboração de teorias complexas, servindo como um *hub* de inteligência coletiva. As páginas das redes sociais, como *Facebook e Instagram*, ainda acrescentam mais formas de acesso a *One Piece* por meio das mídias[5].

A atuação de canais como *MangaQ e Chapéus de Palha* exemplifica perfeitamente a tese de que a internet expandiu o papel do pesquisador contemporâneo, mesmo no campo do entretenimento. Como bem apontam Pereira e Mota (2025, n.p.) “A internet, com seus vastos repositórios digitais de documentos, fotografias, vídeos e registros sonoros, amplia o acesso a fontes primárias e secundárias, democratizando o acesso a acervos antes restritos”. No contexto

[3] Canal *MangaQ*. Disponível em: https://youtube.com/@canalmangaq?si=9f7vQV0J5c1b5Lo9. Acesso em 31 out. 2026.
[4] *Chapéus de Palha.* Disponível em: https://youtube.com/@chapeusdepalha?si=QPcxMUpmhuZ_iMy0. Acesso em 31 out. 2026.
[5] *One Piece*. Disponível em: https://www.facebook.com/onepieceofficial/directory_intro. Acesso em 2 fev. 2026; *One Piece News*. Disponível em:https://www.facebook.com/OnePieceNews23. Acesso em 2 fev. 2026.
One Piece News. Disponível em: https://www.instagram.com/onepiecenewsasl?utm_source=ig_web_button_share_sheet&igsh=ZDNlZDc0MzIxNw==. Acesso em 2 fev. 2026
Chapéus de Palha Oficial. Disponível em: https://www.instagram.com/chapeusdepalhaoficial?utm_source=ig_web_button_share_sheet&igsh=ZDNlZDc0MzIxNw== .Acesso em 2 fev. 2026.

de *One Piece*, essa "democratização" se manifesta na facilidade com que esses criadores de conteúdo acessam *artbooks* japoneses, entrevistas raras de Eiichiro Oda e bancos de dados minuciosos sobre a mitologia da obra. O que antes era restrito a um fã que vivesse no Japão ou tivesse acesso a materiais importados físicos, hoje está disponível em bibliotecas digitais e fóruns globais.

Canais como o *MangaQ* utilizam esses "vastos repositórios" para enriquecer suas pesquisas, cruzando informações de capítulos antigos com novas descobertas, transformando o consumo do *MangaQ* em uma atividade quase acadêmica de análise de fontes. Já o canal *Chapéus de Palha* utiliza esses registros sonoros e visuais para criar uma narrativa de comunidade, na qual o acesso à fonte primária (o capítulo da semana) é apenas o ponto de partida para uma exploração profunda de perspectivas históricas e culturais do universo da ficção.

A análise da cultura das mídias em torno de *One Piece* revela que a tecnologia não apenas facilita o acesso, mas altera a própria natureza da construção do conhecimento. Como afirma Silva (2025, n.p.):

> A incorporação de mídia digital no ambiente de aprendizagem não diz respeito apenas a um conjunto de ferramentas a serem usadas, mas realmente muda e inova a maneira como o ensino e a aprendizagem são conduzidos. A mídia digital fornece uma variedade de recursos que, quando usados apropriadamente, têm o potencial de enriquecer o engajamento do aluno, infundindo diversidade nas experiências de aprendizagem.

Essa perspectiva se aplica diretamente aos ecossistemas criados por *MangaQ e Chapéus de Palha*. O "ensino" aqui ocorre na decodificação de metáforas políticas, históricas e geográficas presentes na obra. Quando esses canais utilizam recursos digitais como edições dinâmicas, mapas interativos e cruzamento de dados de capítulos publicados há vinte anos, eles estão, na prática, conduzindo um processo de aprendizagem coletiva e informal.

Portanto, a consequência direta dessa onipresença de *One Piece* nas mídias digitais é a transformação do mangá em um fenômeno de conhecimento global, transcendendo o nicho original. Essa popularização é impulsionada pela coexistência de diferentes formas de acesso: de um lado, as plataformas oficiais, como o aplicativo *Manga Plus*[6] (da editora Shueisha), que

[6] *Mangá Plus.* Disponível em: https://mangaplus.shueisha.co.jp/titles/100149. Acesso: 2 Fev. 2026

oferece o conteúdo simultaneamente ao do Japão, de modo legal; de outro, a persistência da pirataria em sites de *scans*, que, embora informal, acelera a circulação da obra na rede. Contudo, cabe ressaltar que, para fins de fundamentação e análise técnica deste trabalho, as imagens aqui apresentadas não foram extraídas de repositórios digitais de terceiros. Elas provêm de fotografias originais realizadas a partir do acervo pessoal físico, garantindo a autenticidade do material analisado, demonstrando a relação tangível entre o colecionismo e a cultura das mídias. Essa circulação cria as condições para que o *Século Perdido* seja reconstruído coletivamente, como se analisa a seguir.

O Século Perdido nas plataformas digitais: canais, fãs e reconstrução coletiva do passado

Na narrativa de Oda, o Governo Mundial apaga o passado e persegue quem tenta recuperá-lo. Fora dela, o *Século Perdido* é um passado que os leitores tentam reconstruir. Como o mangá segue em publicação e o autor ainda não revelou o que aconteceu naquele período, a história só pode ser acessada por fragmentos, como os *Poneglyphs*, falas de personagens e pistas espalhadas por mais de mil capítulos. É nas plataformas digitais que esses fragmentos são reunidos e interpretados coletivamente. Canais como *MangaQ* e *Chapéus de Palha*, e os comentários de seus públicos, funcionam como espaços dessa reconstrução. Isso permite examinar a mediação digital não só como forma de acesso à obra, mas como prática de interpretação de um passado ausente.

Para este estudo, a consciência histórica é compreendida a partir de Jörn Rüsen como um fenômeno vital. Ela opera tanto na produção acadêmica quanto no cotidiano de sujeitos que agem e sofrem no mundo, articulando a experiência humana ao seu eixo temporal (Rüsen, 2001 *apud* Oliveira, 2025). Sob essa ótica, a vida é o espaço onde cada indivíduo experimenta e interpreta sua própria realidade. Desse modo, as pessoas dão sentido ao que vivem de acordo com suas próprias vivências, paixões e necessidades de convivência. Essa abordagem é particularmente importante para esta pesquisa por legitimar a interpretação do passado não como um privilégio exclusivo da academia, mas como uma prática do cotidiano. É exatamente isso que se manifesta quando os leitores de *One Piece* mobilizam indícios, articulam hipóteses e ressignificam um passado deliberadamente silenciado, como o *Século Perdido*, analisado a seguir.

Análise de vídeos e comentários

Para observar como o *Século Perdido* e o legado de Ohara são reconstruídos nas plataformas digitais, constituiu-se um corpus de cinco vídeos do YouTube, dois do canal *MangaQ* e três do *Chapéus de Palha*, publicados entre 2019 e 2025. Os vídeos foram selecionados por tratarem diretamente do tema, seja dos *Poneglyphs*, do mural do *Século Perdido e do Reino Antigo*, seja de Ohara e de Clover. Na data da coleta (23 out. 2026), tinham entre 45 mil e 305 mil visualizações.

De cada vídeo foram considerados o título, a descrição e de um a três comentários, selecionados por tratarem do tema ou apresentarem hipóteses sobre o *Século Perdido*, totalizando doze comentários. Eles são apresentados a seguir em captura de tela, com nome e foto dos autores ocultados e sem alteração do texto. Cada comentário é acompanhado de uma breve análise, que busca identificar a prática interpretativa que ele revela, a formulação de hipóteses, cruzamento de episódios da obra, crítica de fonte, analogia com eventos históricos reais ou reconhecimento do que ainda não se sabe.

Por terem sido selecionados pela afinidade com o tema, os comentários não representam o conjunto do público dos canais, mas ilustram práticas de interpretação observáveis nesse ambiente. Interessa, sobretudo, verificar em que medida esses gestos se aproximam do trabalho de reconstrução do passado discutido na seção sobre negacionismo e apagamento do passado.

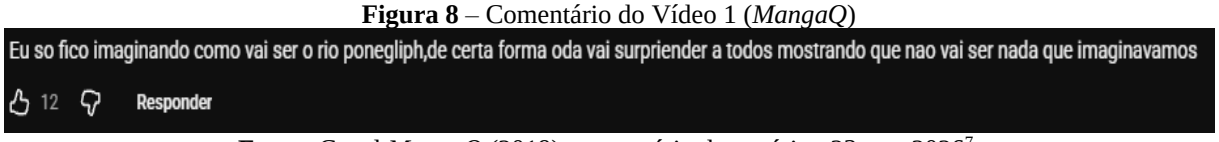
Vídeo 1 (*MangaQ*): "A história dos *Poneglyphs* e as traduções já feitas por Nico Robin"

No vídeo publicado em 7 de novembro de 2019, o canal *MangaQ* apresenta uma análise detalhada sobre a história, a quantidade e o funcionamento geopolítico dos *Poneglyphs* no universo de *One Piece*. O produtor de conteúdo esclarece que existem 30 blocos monolíticos espalhados pelo mundo e enfatiza que essas estruturas não possuem um poder físico ou mágico intrínseco; o real valor e perigo residem estritamente nas palavras e segredos históricos gravados em suas superfícies.

O conteúdo categoriza os blocos por meio de suas características visuais, utilidades e cores: os *Poneglyphs de Pista* (ou instrucionais, de coloração azulada), que servem para guiar o leitor até outras pedras; os *Poneglyphs Históricos*, cujo propósito é narrar os acontecimentos do *Século Perdido*; e os *Poneglyphs de Estrada* (*Road Poneglyphs)*, blocos de cor vermelha que revelam as coordenadas para a localização da última ilha. O vídeo aborda como civilizações

antigas, a exemplo de *Alabasta e Shandora*, arriscaram-se para proteger esses registros, salvaguardando segredos sobre as Armas Ancestrais Pluton e Poseidon. Por fim, a análise destaca o papel da família Kozuki como os artesãos originais dessas pedras e a importância de Nico Robin como a única capaz de realizar a leitura sistemática dos caracteres na atualidade, contrastando o método acadêmico da arqueóloga com a capacidade mística de Gol D. Roger, que decifrou o caminho ao ouvir a "Voz de Todas as Coisas".

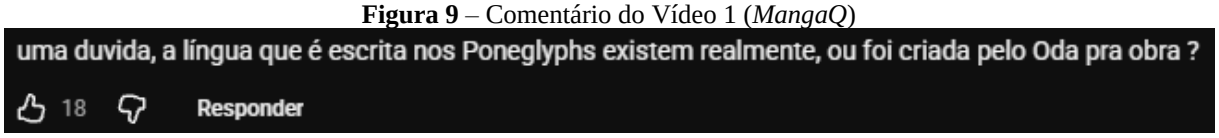
Figura 8 – Comentário do Vídeo 1 (*MangaQ*)



Fonte: Canal *MangaQ* (2019), comentário de usuário, 23 out. 2026[7].

Esse comentário projeta o futuro da narrativa. O leitor admite que o conteúdo do *Rio Poneglyph*, a revelação final sobre o *Século Perdido*, é desconhecido e prevê que a obra contrariará as hipóteses do público. Ele mostra a consciência de que o passado ainda não está estabelecido.

Figura 9 – Comentário do Vídeo 1 (*MangaQ*)



Fonte: Canal *MangaQ* (2019), comentário de usuário, 23 out. 2026.

Aqui o leitor questiona a natureza da fonte, perguntando se a escrita dos Poneglyphs existe fora da ficção. Embora simples, a pergunta é de crítica de fonte, e mostra a fronteira entre o real e o ficcional que a comunidade negocia.

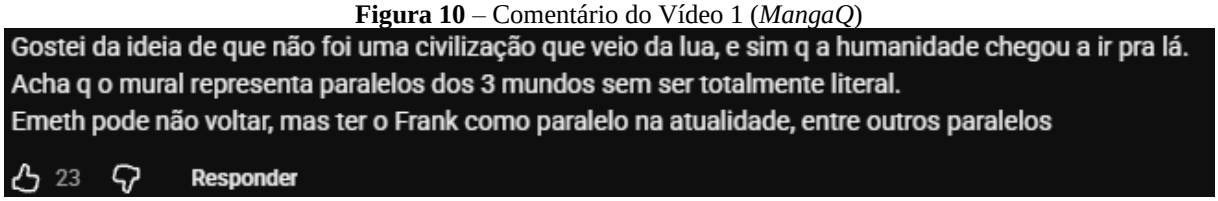
Vídeo 2 (*MangaQ*): "Desvendado! O mural do Século Perdido explicado"

No vídeo analisado, de 4 de fev. de 2025, o canal *MangaQ* propõe um estudo detalhado sobre o mural do *Século Perdido* apresentado no Capítulo 1138, classificando a edição como uma das mais importantes de *One Piece* por trazer revelações massivas sobre a obra. O produtor de conteúdo dedica o vídeo a destrinchar visualmente cada ponto dessa pintura rupestre a partir do cruzamento de dados com a leitura dos chamados "textos de Harley", o livro preservado por Jaguar D. Saul que Nico Robin conseguiu acessar. A análise utiliza a tradução oficial do japonês

[7] Todas as capturas de telas são de autoria própria.

e o significado de *kanjis* específicos para debater as origens do planeta, o funcionamento da tecnologia antiga, como a Chama Mãe (*Mother Flame*), e a iconografia das Armas Antigas. Isso serve como uma base interpretativa para os debates e especulações que circulam entre a comunidade de fãs.

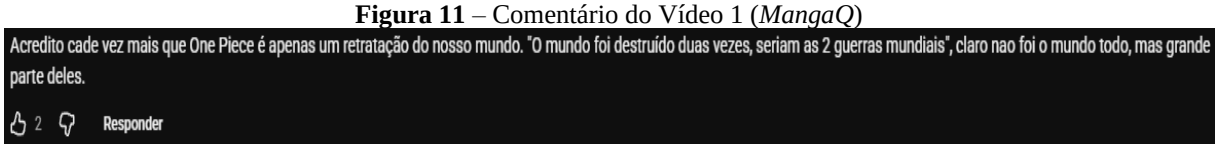
Figura 10 – Comentário do Vídeo 1 (*MangaQ*)



Fonte: Canal *MangaQ* (2025), comentário de usuário, 23 out. 2026.

Nessa interação, o leitor engaja-se com a tese apresentada no vídeo, aceita parcialmente seus argumentos e propõe uma leitura própria. Ao interpretar o mural de forma simbólica e não apenas literal, ele estabelece paralelos entre o passado e o presente do enredo, o que configura um exercício de leitura figurativa da fonte.

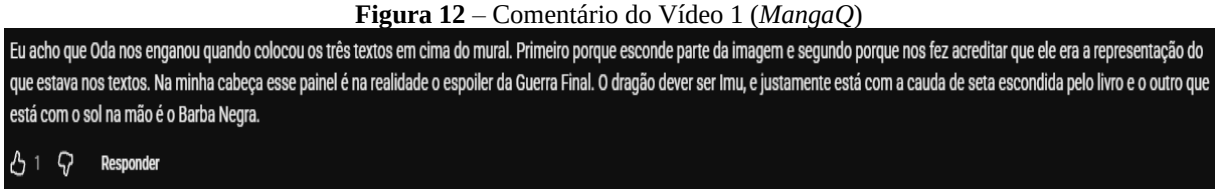
Figura 11 – Comentário do Vídeo 1 (*MangaQ*)



Fonte: Canal *MangaQ* (2025), comentário de usuário, 23 out. 2026.

É o comentário que mais aproxima a ficção da história real. O leitor compara a destruição narrada às guerras mundiais e, ao ressalvar que "não foi o mundo todo", mostra cuidado em delimitar a analogia. Esse movimento é central para o argumento do artigo sobre a obra como alegoria histórica.

Figura 12 – Comentário do Vídeo 1 (*MangaQ*)



Fonte: *Canal MangaQ* (2025), comentário de usuário, 23 out. 2026.

O leitor desconfia da forma como a fonte foi apresentada, argumentando que o texto sobre o mural esconde parte da imagem, e propõe uma leitura alternativa baseada em vestígios

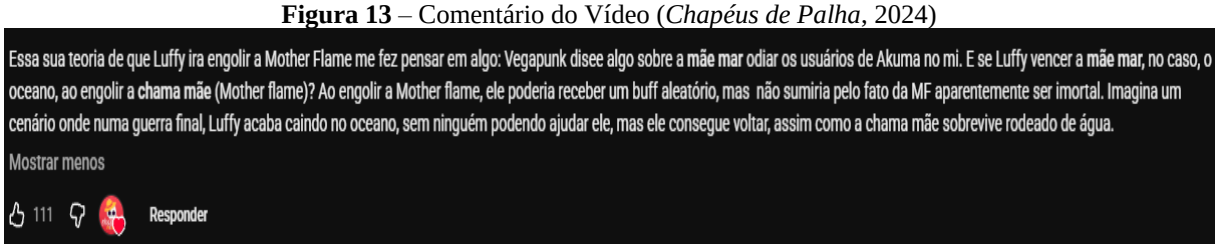
visuais. É a prática que mais se aproxima da análise de fonte, marcada pela observação, pela desconfiança crítica e pela formulação de hipóteses, embora o resultado dessa investigação ainda seja uma especulação sobre o futuro da obra.

Vídeo 3 (*Chapéus de Palha*): "Desvendado maior mistério de *One Piece*: o nome do Reino Antigo"

No vídeo publicado em 15 de maio de 2024, o canal *Chapéus de Palha* explora o mistério do nome do Reino Antigo a partir das pistas deixadas pelo Professor Clover antes de sua execução. A análise defende a hipótese de que o nome da nação suprimido seja "Dawn" (Amanhecer), uma palavra carregada de simbolismo desde o primeiro capítulo da obra. O argumento central reconstrói a geopolítica do Governo Mundial como uma força usurpadora que derrotou o Reino Antigo e se apoderou de seus grandes monumentos para lhes atribuir um sentido invertido, perverso e antagônico. O principal exemplo dessa dinâmica seria a prisão de segurança máxima *Impel Down*, cuja estrutura interna, composta por fortificações maciças, indica ter sido uma enorme fortaleza originalmente edificada em terra firme, antes do grande dilúvio do Século Perdido.

De acordo com a teoria apresentada, a estrutura seria, na verdade, o castelo principal do Reino Antigo (o "Empire Dawn" ou Império Dawn), cujo nome foi corrompido para *Impel Down* ("impelido para baixo") ao ser submerso. O vídeo sustenta esse paralelismo literário, aproximando a fortaleza à fusão entre o mito bíblico da Torre de Babel (feita para unificar a humanidade e evitar um novo dilúvio) e o Inferno de Dante Alighieri (dividido em camadas de tortura). Por fim, o canal aponta que esse simbolismo é referendado pelo próprio logotipo da instituição, onde a letra "I" empala a letra "D", representando graficamente a vitória de Imu e o aprisionamento definitivo do clã dos "D" e do amanhecer que eles defendiam.

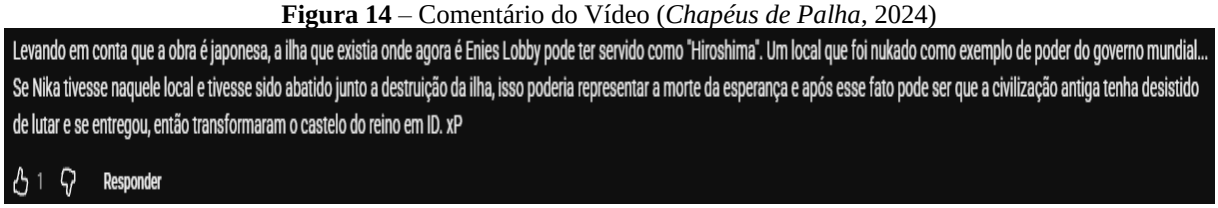
Figura 13 – Comentário do Vídeo (*Chapéus de Palha*, 2024)



Fonte: *Chapéus de Palha* (2024), comentário de usuário, 23 out. 2026.

O leitor cruza informações de momentos distantes da obra, relacionando a fala de *Vegapunk* sobre o mar à hipótese do vídeo. É um exemplo claro de construção coletiva de teorias, em que a proposta do canal é retomada e ampliada pelo público.

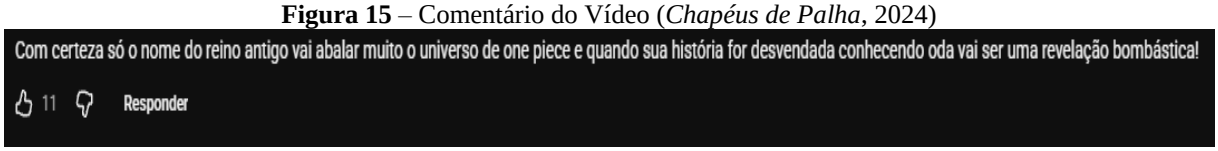
Figura 14 – Comentário do Vídeo (*Chapéus de Palha*, 2024)



Fonte: *Chapéus de Palha* (2024), comentário de usuário, 23 out. 2026.

Esse comentário liga o apagamento do passado a um evento histórico real e justifica a analogia pelo contexto de produção da obra, levando-se em conta que é uma produção japonesa. É uma leitura que se aproxima do tema do artigo, pois interpreta a destruição de uma ilha como demonstração de poder de um governo sobre o passado.

Figura 15 – Comentário do Vídeo (*Chapéus de Palha*, 2024)



Fonte: *Chapéus de Palha* (2024), comentário de usuário, 23 out. 2026.

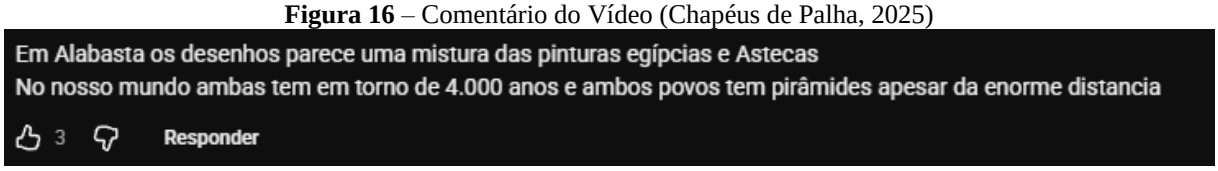
Esse comentário mostra a expectativa em torno do que ainda é desconhecido. O registro não propõe uma hipótese, mas reforça o enquadramento do vídeo de que o nome do Reino Antigo é uma chave para o mistério, o que indica como o canal orienta a atenção do público.

Vídeo 4 (*Chapéus de Palha*): "O Século Perdido é uma farsa"

No vídeo publicado em 15 de fevereiro de 2025, o canal *Chapéus de Palha* introduz uma perspectiva teórica disruptiva sobre a "Verdadeira História" do universo de *One Piece*, baseando-se no conceito introduzido originalmente no Capítulo 218. A análise retoma a geopolítica dos *Poneglyphs*, destacando que, dos nove blocos que compõem o *Rio Poneglyph* para revelar a história integral do planeta, apenas quatro foram formalmente localizados por Nico Robin até o momento (Alabasta, Shandora, Ohara e a Ilha dos Tritões). A grande virada argumentativa do conteúdo reside na hipótese de que o próprio *Século Perdido* seria uma "pista falsa", ou seja, um evento secundário que funcionou apenas como consequência de cataclismos

muito mais antigos. Apoiando-se nas falas recentes do personagem Imu de que os P*oneglyphs* seriam, na verdade, relíquias de um mundo ancestral anterior ao próprio *Século Perdido*. O vídeo correlaciona a poesia dos "Textos de Harley" com as divindades e mitologias introduzidas logo no início da obra, no arco de *Skypiea*. O autor do canal sugere que o medo e a devoção histórica das civilizações antigas a figuras como o Deus da Terra e a Serpente Infernal são reflexos literais da destruição cíclica. Essa destruição foi provocada pela ganância e ambição descontrolada da humanidade durante a era do Primeiro Mundo.

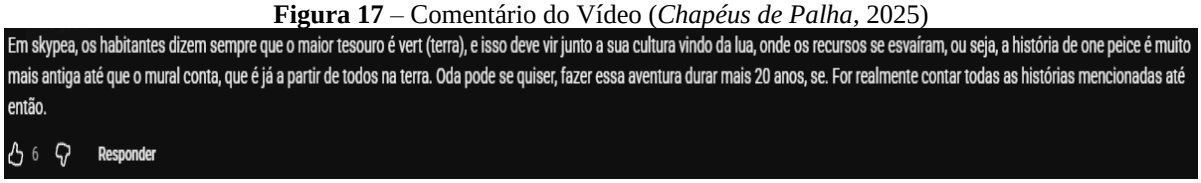
Figura 16 – Comentário do Vídeo (Chapéus de Palha, 2025)



Fonte: *Chapéus de Palha* (2025), comentário de usuário, 23 out. 2026.

O leitor lê a estética de Alabasta como uma combinação de referências reais, as pinturas egípcias e astecas, e aponta um traço comum entre as duas culturas, as pirâmides, apesar da distância entre elas. É uma analogia com a cultura material do mundo real, e não com um evento histórico, como nos comentários que comparam a destruição narrada às guerras mundiais e à Hiroshima. O gesto é comparativo, pois o leitor trata os desenhos da obra como um conjunto de signos e busca neles a origem e a semelhança com sociedades antigas, o que se aproxima da análise de uma fonte visual. O comentário também sugere que culturas distantes podem produzir maneiras parecidas de registrar o passado, o que dialoga com o papel dos *Poneglyphs*, apresentados no arco de Alabasta. Ele não aborda o apagamento do passado, mas ilustra como o público recorre ao repertório histórico real para interpretar o mundo da obra.

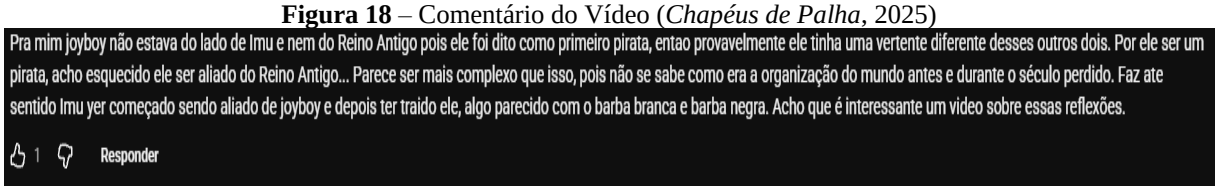
Figura 17 – Comentário do Vídeo (*Chapéus de Palha*, 2025)



Fonte: *Chapéus de Palha* (2025), comentário de usuário, 23 out. 2026.

O leitor usa um detalhe cultural de *Skypiea* como pista para recuar a cronologia da obra, sugerindo que a história é anterior ao que o mural registra. Mostra como informações de um arco antigo são reaproveitadas para reconstruir o passado.

Figura 18 – Comentário do Vídeo (*Chapéus de Palha*, 2025)



Fonte: *Chapéus de Palha* (2025), comentário de usuário, 23 out. 2026.

É uma interpretação mais próxima da perspectiva historiográfica. O leitor argumenta com base em um dado da obra (Joy Boy foi chamado de "primeiro pirata"), considera alternativas e reconhece o limite do conhecimento ("não se sabe como era a organização do mundo"). Ao final, compara a hipótese a uma relação já conhecida da obra, a de Barba Branca e Barba Negra, o que mostra o uso de analogias internas à narrativa para preencher lacunas do passado.

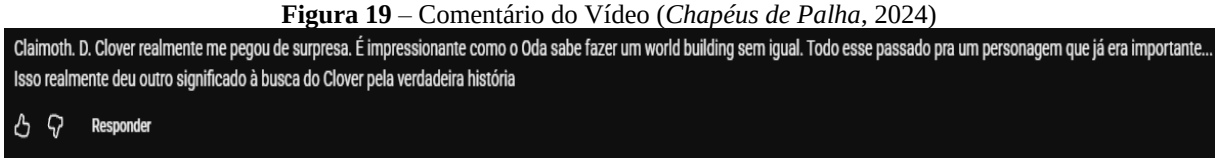
Vídeo 5 (*Chapéus de Palha*): "Revelada a última família D!! Xebec ainda está vivo?! Entenda o segredo de Clover!! One Piece 1120"

No vídeo de revisão do Capítulo 1120, o canal *Chapéus de Palha* analisa os impactos narrativos e acadêmicos do *flashback* ambientado há 26 anos em *Punk Hazard*, focado na conversa entre o Dr. Vegapunk e o Professor Clover. O ponto central da discussão analisa o contraste entre os dois cientistas: enquanto Vegapunk atuava de forma técnica sob a tutela do Governo Mundial, criando dragões artificiais sob demanda, Clover assumia uma postura histórica combativa, instigando o amigo a pesquisar a "Era dos D". A grande revelação canônica do capítulo estabelece Clover formalmente como um integrante do clã dos D (revelando seu nome completo). Investigando a raiz do nome, a análise propõe um paralelo mitológico com a 'espada de luz', símbolo da justiça sobre a escuridão, e destaca a sensibilidade de Clover, equiparada à 'Voz de Todas as Coisas' ao captar o clamor do passado.

O conteúdo do vídeo avança para o tempo presente da obra e correlaciona essa antiga conversa ao desfecho do anúncio global de Vegapunk. Os analistas do canal apontam a sofisticação do autor Eiichiro Oda ao fazer Vegapunk ecoar, décadas mais tarde, o mesmo discurso humanista de Clover e de figuras como Donquixote Doflamingo sobre a escrita da história pelos vencedores. O vídeo detalha o peso emocional e o alívio de Nico Robin ao ver o sacrifício de Ohara ser legitimado mundialmente. Por fim, a partir da oficialização da linhagem de Clover, os criadores do canal teorizam que o brasão do Reino Antigo, composto por nove

círculos, pode representar nove famílias detentoras da inicial “D”. Essa configuração consolidaria os eixos de mudança global necessários para o amanhecer do mundo que Gol D. Roger, também citado na transmissão como um “D”, não conseguiu consolidar de forma prática em sua era.

Figura 19 – Comentário do Vídeo (*Chapéus de Palha*, 2024)



Fonte: *Chapéus de Palha* (2024), comentário de usuário, 23 out. 2026.

O leitor reavalia um personagem já conhecido à luz de uma revelação recente: o passado de Clover dá “outro significado” à sua busca pela “verdadeira história”. É um gesto próprio da interpretação histórica, em que um dado novo reorganiza o sentido do que já se sabia. O comentário também liga o público diretamente a Ohara, pois trata a pesquisa do arqueólogo como algo que merece ser compreendido e valorizado. O elogio ao *world building* mostra, ainda, que o leitor percebe o passado da obra como construção de um autor.

Entre os vídeos do *corpus*, dois se aproximam diretamente de Ohara. O Vídeo 1, do *MangaQ*, tem como tema as traduções de *Poneglyphs* feitas por Nico Robin, e o Vídeo 5, do *Chapéus de Palha*, o “segredo de Clover”, arqueólogo de Ohara. Pelos títulos, a ilha aparece associada à pesquisa sobre o passado: Robin como tradutora dos *Poneglyphs* e Clover como personagem cuja trajetória é apresentada como revelação. Os comentários seguem essa chave. Um leitor questiona se a língua dos *Poneglyphs* existe fora da ficção, o que trata a escrita da ilha como fonte a ser examinada, e outro afirma que a revelação sobre o passado de Clover deu “outro significado à busca do Clover pela verdadeira história”. Os comentários analisados, porém, não mencionam o *Buster Call*, o negacionismo ou o apagamento como tema; essa relação é estabelecida por este artigo, e não pelos leitores. Como apenas dois vídeos do corpus se aproximam de Ohara, essa observação tem caráter exploratório. Ainda assim, ao reunir fontes, cruzar capítulos e reagir às revelações sobre os pesquisadores da ilha, os canais e seu público retomam, de modo informal, o trabalho de reconstrução que os arqueólogos de Ohara foram impedidos de concluir.

Considerados em conjunto, os comentários mostram um público que reúne indícios de arcos distantes, compara fontes, formula hipóteses, relaciona a ficção a eventos reais e reconhece o que ainda não se sabe. Nos vídeos que se aproximam de Ohara, essa atividade se

volta à pesquisa sobre o passado. Um comentário questiona a existência real da língua dos *Poneglyphs*, e outro reconhece o valor da busca de Clover pela "verdadeira história". Esses gestos lembram, em escala informal, o trabalho do historiador. Podem ser lidos, ainda, como expressão de consciência histórica no sentido de Rüsen, isto é, como interpretação do passado nas práticas da vida cotidiana, e não apenas na academia (Rüsen, 2001 *apud* Oliveira, 2025, p. 6). Indicam, assim, que as plataformas digitais funcionam como espaço de reconstrução coletiva do passado. Ao mesmo tempo, nenhum dos comentários menciona explicitamente o negacionismo ou o apagamento deliberado do passado como tema. Dois deles associam a destruição narrada a eventos reais, como as guerras mundiais e Hiroshima. Mas a leitura do Século Perdido e de Ohara como casos de negacionismo é uma aproximação que este artigo propôs a partir dos dados, e não uma discussão já formulada pelos leitores.

Considerações Finais

Este artigo analisou como *One Piece*, de Eiichiro Oda, representa o apagamento deliberado do passado, a partir do *Século Perdido* e da destruição de Ohara, e como esse passado ausente é reconstruído por leitores em canais do *YouTube*. A análise dos painéis mostrou que a obra mobiliza recursos ficcionais para tematizar práticas de silenciamento e de eliminação de vestígios. Isso inclui o Buster Call, a queima das pesquisas e a perseguição a Nico Robin. Essas práticas encontram paralelo na literatura sobre o negacionismo do Holocausto.

A narrativa construída por Oda, ao retratar a perseguição aos estudiosos de Ohara e a tentativa do Governo Mundial de apagar registros de um passado inconveniente, estabelece um paralelo com as práticas de negacionismo que marcaram a história contemporânea, em especial a negação do Holocausto, como analisado. Nesse sentido, *One Piece* fornece um arcabouço narrativo que possibilitou compreender como os detentores do poder atacam as condições que sustentam a verdade factual, isto é, as testemunhas, os registros e os documentos para sustentar versões oficiais da história que atendem a seus interesses.

Ao conferir centralidade a personagens como Nico Robin e aos arqueólogos de Ohara, a obra atribui ao pesquisador e ao historiador um papel ético e social, isto é, o de guardiões da memória. A destruição da "Árvore do Conhecimento" e a perseguição à única sobrevivente representam, de maneira alegórica, a vulnerabilidade do saber crítico diante de estruturas autoritárias, mas também ressaltam a necessidade de preservar e transmitir conhecimentos. Essa

perspectiva se relaciona com o que Barros (2020) afirma, de que toda produção historiográfica, mesmo que não tenha essa intenção inicial, acaba se tornando uma fonte para o futuro, e também com Jesus e Gandra (2020), que enfatizam a importância social da profissão do historiador frente às narrativas que negam ou distorcem a história.

A análise de cinco vídeos e doze comentários mostrou que, nas plataformas digitais, o público reúne indícios de arcos distantes, compara fontes, formula hipóteses, relaciona a ficção a eventos reais e reconhece o que ainda não se sabe, em gestos que se aproximam, em escala informal, do trabalho historiográfico. Os comentários analisados, contudo, não mencionam o negacionismo nem o apagamento como tema, de modo que a relação entre o *Século Perdido* e o negacionismo é uma leitura proposta pelo artigo, e não uma discussão já elaborada pelos leitores. Por terem sido selecionados pela afinidade com o tema, os comentários ilustram práticas observáveis, mas não representam o conjunto do público dos canais.

Como limites metodológicos dessa análise, destacam-se o tamanho reduzido do *corpus*, em especial dos vídeos que se aproximam de Ohara, e a análise restrita a títulos, descrições e comentários, sem as falas dos apresentadores. Pesquisas futuras poderão expandir o campo de estudos ao analisar o conteúdo dos vídeos, examinar a mitificação de Nika e avaliar o uso do mangá no ensino de História e de Direitos Humanos, temas que excedem o recorte deste trabalho.

Referências

ASSUMPCAO, L. F. B; ALCANTARA PAZ, A. C. Mangá e ensino de história: a relação de poderes na obra One Piece de Eiichiro Oda. **RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, Foz do Iguaçu, v. 11, n. 1, 13 jul. 2025. Disponível em: https://doi.org/10.23899/9j3rpm41. Acesso em: 23 out. 2026

BARROS, J. A. Fontes Históricas: uma introdução à sua definição, à sua função no trabalho do historiador, e à sua variedade de tipos. **Cadernos do Tempo Presente**, Sergipe, v. 11, n. 2, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufs.br/tempo/article/view/15006. Acesso em 5 nov. 2025.

CALIXTO, K. da S.; SILVA, J. B. P.; DA SILVA, F. S. F.; DE SANTANA, G. F. O racismo como arma para manutenção da necropolítica em arquipélago de sabaody e ilha dos homens-peixe de one piece (1999). **Observatório de la economía latinoamericana**, Curitiba, v. 21, n. 9, p. 12738–12757, 2023. DOI: 10.55905/oelv21n9-121. Disponível em: https://ojs.observatoriolatinoamericano.com/ojs/index.php/olel/article/view/1541. Acesso em: 23 out. 2026.

CANAL MANGAQ. **A história dos Poneglyphs e as traduções já feitas por Nico Robin – One Piece**. YouTube, 7 nov. 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=dCiuUYa_5oY. Acesso em: 23 out. 2026.

CANAL MANGAQ. **Desvendado! O mural do Século Perdido explicado – One Piece**. YouTube, 4 fev. 2025. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cEJqcvxOIQc. Acesso em: 23 out. 2026..

CHAPÉUS DE PALHA. **Desvendado maior mistério de One Piece – o nome do Reino Antigo**. YouTube, 15 mai. 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=P4bRmjgKD0I. Acesso em: 23 out. 2026..

CHAPÉUS DE PALHA. **O Século Perdido é uma farsa**. YouTube, 15 fev. 2025. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZZwDuJ_Qn7s. Acesso em: 23 out. 2026..

CHAPÉUS DE PALHA. **Revelada a última família D!! Xebec ainda está vivo?! Entenda o segredo de Clover!! One Piece 1120**. YouTube, 11 jul. 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CFTeYG-_Bqs. Acesso em: 23 out. 2026.

JESUS, C. G. N. de; GANDRA, E. A. O negacionismo renovado e o ofício do Historiador. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 46, n. 3, p. e38411, 2020. DOI: 10.15448/1980-864X.2020.3.38411. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/38411. Acesso em: 15 fev. 2026.

MACEDO, A. A. de C. **Bon Clay: uma discussão acerca da visão japonesa sobre representatividade e gênero no mangá One Piece.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Publicidade e Propaganda) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2025.Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/items/ccd67ea7-f783-43fb-b671-b680fbae4e6c. Acesso em 10 out. 2026.

MOTTA, B. S. **Prossumidores**: o novo papel dos consumidores na era da informação e sua influência na decisão de compra. 2014. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: https://repositorio.usp.br/item/002680999. Acesso em: 23 out. 2026.

ODA, Eiichiro. **One Piece 3 em 1.** Texto e arte: Eiichiro Oda, tradução por Drik Sada. Barueri/SP – Brasil: Panini, 2023.

OLIVEIRA, T. A. D. de. O conceito de consciência histórica e a aprendizagem histórica: compreensão e centralidade da práxis para a didática da História. **Revista História Hoje**, São Paulo, v. 14, n. 30, 2025. Disponível em: https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/1218. Acesso em: 23 out. 2026.

PASSOS, F. A. O revisionismo e os perigos da mentira deliberada na perspectiva de Hannah Arendt. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 44, ed. 3, p. 115-134, 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/trans/a/XPCgTV5jF6nx6PSWnF7dgsP/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 31 mar. 2026.

PEREIRA, D. V.; MOTA, Antonia da Silva. História digital: desafios e novas perspectivas para a pesquisa historiográfica. **RevistaFT**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 143, fev. 2025.

Disponível em: https://revistaft.com.br/historia-digital-desafios-e-novas-perspectivas-para-a-pesquisa-historiografica/#_ftn1. Acesso em: 18 fev. 2026.

SANTAELLA, L. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 10, n. 22, p. 23–32, 2008. DOI: 10.15448/1980-3729.2003.22.3229. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/3229. Acesso em: 29 mar. 2026.

SILVA, F. B. da. Educação e tecnologia: o papel das mídias digitais na construção do conhecimento. **Revista Tópicos**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 26, p. 1-17, out. 2025. Disponível em: https://revistatopicos.com.br/artigos/educacao-e-tecnologia-o-papel-das-midias-digitais-na-construcao-do-conhecimento. Acesso em: 16 abr. 2026.

VALIM, P.; AVELAR, A. de S.; BEVERNAGE. Apresentação - negacionismo: história, historiografia e perspectivas de pesquisa. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 41, n. 87, p. 13-36, maio-ago. 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbh/a/mKqxgYCgFLmDBCNWmVKJ4gd/?lang=pt. Acesso em: 28 mar. 2026.

VIDAL-NAQUET, P. **Os assassinos da memória**: “Um Eichmann de papel” e outros ensaios sobre o revisionismo. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 1988.

Recebido em: 6 de julho de 2026
Aceito em: 13 de novembro de 2026